



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.39.107.AO10>

Violência nos relacionamentos amorosos de estudantes universitários

Violence in the love relationships of university students

Sueli Terezinha Bobato
Universidade do Vale do Itajaí
<http://orcid.org/0000-0002-1414-6364>
suelibobato@yahoo.com.br

Beatriz Alves
<http://orcid.org/0000-0003-1001-8397>

Júlia de Novaes Benvenuti
<http://orcid.org/0000-0002-4853-6088>

Ana Paula Sesti Becker
Universidade Federal de Santa Catarina
<http://orcid.org/0000-0002-9278-437X>

RESUMO

A violência entre parceiros íntimos traz impactos sobre a saúde mental em diferentes manifestações. Assim, este estudo teve como objetivo geral analisar as manifestações dos comportamentos violentos nos relacionamentos amorosos em estudantes universitários. Trata-se de um estudo quantitativo, exploratório, descritivo e transversal. Participaram 224 estudantes, homens e mulheres, de uma universidade do Sul do Brasil, os quais responderam a um questionário semiestruturado de comportamentos abusivos. Realizaram-se análises estatísticas descritivas, tais como distribuição de frequência simples, porcentagem e teste-*t de Student*. Os

resultados evidenciaram que não houve diferença significativa nas ocorrências de violência entre os gêneros, mas no tipo de violência praticada, destacando-se a violência psicológica. Os principais fatores desencadeadores dos comportamentos violentos na trajetória relacional dos participantes foram associados ao controle do parceiro, ciúmes, impulsividade e insegurança. Considera-se a importância de a violência conjugal ser compreendida sob uma ótica relacional e transgeracional, a fim de promover medidas preventivas para a qualidade do relacionamento amoroso.

Palavras-chave: *violência conjugal; violência doméstica; conjugalidade; estudante universitário.*

ABSTRACT

Violence between intimate partners or conjugal violence has impacts on mental health in different manifestations. Thus, this study had the general objective of analyzing the manifestations of violent behaviors in love relationships in university students. This is a quantitative, exploratory, descriptive and cross-sectional study. 224 students, men and women, from a university in Southern Brazil participated, who answered a semi-structured questionnaire of abusive behaviors. Descriptive statistical analyzes were performed, such as simple frequency distribution, percentage and Student's t-test. The results showed that there was no significant difference in the occurrences of violence between genders, but in the type of violence practiced, highlighting psychological violence. The main factors that trigger violent behaviors in the participants' relational trajectory were associated with partner control, jealousy, impulsiveness and insecurity. It is considered the importance of conjugal violence to be understood from a relational and transgenerational perspective, in order to promote preventive measures for the quality of the loving relationship.

Keywords: *conjugal violence; domestic violence; conjugality; university student.*

RESUMEN

La violencia entre parejas íntimas o la violencia conyugal tiene impactos en la salud mental en diferentes manifestaciones. Así, este estudio tuvo como objetivo general analizar las manifestaciones de conductas violentas en las relaciones amorosas en estudiantes universitarios. Se trata de un estudio cuantitativo, exploratorio, descriptivo y transversal. Participaron 224 estudiantes, hombres y mujeres, de una universidad del sur de Brasil, quienes respondieron un cuestionario semiestructurado de conductas abusivas. Se realizaron análisis estadísticos descriptivos, como distribución de frecuencia simple, porcentaje y prueba t de Student. Los resultados mostraron que no hubo diferencia significativa en las ocurrencias de violencia entre géneros, sino en el tipo de violencia practicada, destacando la violencia psicológica. Los principales factores que desencadenan conductas violentas en la trayectoria relacional de los participantes se asociaron con el control de la pareja, los celos, la impulsividad y la inseguridad. Se considera la importancia de la violencia conyugal entendida desde una perspectiva relacional y transgeneracional, con el fin de promover medidas preventivas para la calidad de la relación amorosa.

Palabras clave: *violencia conyugal; la violencia doméstica; conyugalidad; estudiante universitário*

Introdução

O comportamento violento nos laços afetivo-amorosos de jovens tem sido estudado há algumas décadas (Costa, Costa & Nascimento, 2018). Com a deliberação de legislações nacionais que coíbem a violência contra a mulher, acrescido dos movimentos feministas, a partir dos anos de 1960, a criação de políticas públicas voltadas ao bem-estar e à saúde dos indivíduos em situação de vulnerabilidade social, como o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, a Lei Maria da Penha e Programa Mulher: Viver sem Violência, a violência por parceiros íntimos (VPI), tornou-se reconhecida como uma questão originária de uma série de violações de direitos humanos (Razera, Gaspodini, Oliveira, Neis & Falcke, 2018). Conforme Narvaz e Koller (2006) a violência conjugal ou VPI, pode ser compreendida pela perpetração de violência física, sexual, emocional ou psicológica em uma relação afetiva e sexual.

No decorrer da trajetória histórica brasileira, a VPI assumiu uma postura de baixa notoriedade, cerceada pela invisibilidade social e naturalização do ato, em que tais agressões eram consideradas como domínio privado e de intimidade do casal. Para além de um fenômeno social, este tipo de violência constitui-se um grave problema de saúde pública, tanto pelas repercussões negativas que desencadeiam na qualidade de vida quanto pelas implicações nas dimensões jurídica, econômica, social e da saúde (Acosta, Gomes, Fonseca & Gomes, 2015; Coll, Ewerling, García-Moreno, Hellwig & Barros, 2020). Além disso, é considerada um grande obstáculo para o progresso em direção aos objetivos de desenvolvimento sustentável, que tem como uma de suas metas a igualdade de gênero, destacando a necessidade de um monitoramento mais rigoroso dos níveis de VPI e a identificação daqueles que mais precisam de intervenções (Coll, et al., 2020).

A VPI configura-se como a mais frequente vertente da violência doméstica, perpetrada em uma relação íntima de afeto, envolvendo parceiros ou ex-parceiros íntimos, independente de coabitação que ocorrem entre casais heterossexuais ou homossexuais, e não implica necessariamente em intimidade sexual (Lourenço & Costa, 2020). Alguns exemplos desse tipo de violência podem incluir: a) Atos de agressão física – como empurrar sacudir chutar e socar; b) Abuso psicológico – tais como intimidação, constante desvalorização e humilhação; c) Relações sexuais forçadas e outras formas de coação

sexual; d) Demais comportamentos controladores de violência psicológica, como isolar a pessoa de sua família e amigos, monitorar seus movimentos e limitar seu acesso às informações ou à assistência (OMS, 2014; Colossi, Razera, Haack & Falcke, 2015; Coll, Ewerling, García-Moreno et al, 2020).

Estudos internacionais (Bourget & Gagné, 2012) apontam diferenças quanto ao tipo de violência perpetrada entre homens e mulheres, sendo mais recorrente a violência física e sexual perpetrada por agressores do sexo masculino, enquanto a violência psicológica ou emocional é cometida prioritariamente por cônjuges do sexo feminino. Nessa perspectiva, é comum que comportamentos violentos permeados de manipulação, chantagem e ameaça apareçam com maior ocorrência entre o sexo feminino. Entretanto, conforme Hirigoyen (2006), em casos de violência conjugal perpetrada por mulheres, os homens heterossexuais apresentam maior dificuldade de denunciar a violência sofrida pela parceira, dada a representação e a postura de força e domínio, que os inibam de se colocarem como pessoas que sofrem violência no lar e que carecem de ajuda.

Considerar que o fenômeno da violência conjugal é permeado por vivências bilaterais que produzem sofrimento em homens e mulheres, significa referir-se a um processo dinâmico e relacional, cujos cônjuges são coautores do ato violento. Isso implica ampliar a visão dualista “mulher – vítima *versus* homem – agressor”, para um olhar que compreenda os múltiplos papéis entre homens e mulheres numa relação afetiva violenta (Razera & Falcke, 2017). Nesse sentido, vale ressaltar que se focalizam as interações conjugais violentas, as quais se compreendem como expressões disfuncionais em que homem e mulher são co-participantes, em alguma medida, do estabelecimento do fenômeno violento. A ideia não é a de culpabilizar as vítimas, mas de compreender os múltiplos papéis que homens e mulheres desempenham em seus relacionamentos (Colossi & Falcke, 2013). Além disso, ainda que os dados apontem a predominância de homens que agredem suas parceiras amorosas (Williams, Ghandour & Kub, 2008; Murta, Ramos, Cangussú, Tavares & Costa, 2014), poucas pesquisas se propõem a acolher o homem envolvido em situação de violência conjugal (Lindner, Coelho, Bolsoni, Rojas & Boing, 2015).

Por compreender a VPI como um fenômeno relacional e, também transgeracional, sustenta-se que a experiência de ter sido objeto de maus-tratos na infância, por meio de

comportamentos abusivos ou ao presenciar as cenas violentas dos pais, os padrões transgeracionais familiares de atos violentos podem se constituir como um potencial fator de risco para a repetição da violência (Falcke et al., 2009). Tal fenômeno pode repercutir em uma vinculação afetiva disfuncional para o desenvolvimento infantil e para os relacionamentos adultos que serão construídos, contribuindo para a naturalização do ato violento.

Conforme Nascimento e Cordeiro (2011), as evidências científicas relacionadas à violência nos relacionamentos amorosos têm apontado que, muitas vezes, algumas das práticas de violência nessas relações aparecem disfarçadas de amor e são justificadas por este sentimento, dando abertura para a possessividade, decorrentes do desejo de controlar o outro. Além de tais aspectos, indicam-se alguns fatores de risco para a VPI, tais como, o abuso de álcool, conflitos conjugais, a separação ou ameaça de separação, aquisição de armas, histórico de violência familiar, entre outros (Martins-Borges, Lodetti, Tridapalli, & Machado, 2016). Para tanto, torna-se fundamental mapear tais variáveis precursoras e implementar estratégias de prevenção à VPI em curto, médio e longo prazo.

Diante do exposto, apresenta-se os pressupostos de que a violência nos relacionamentos amorosos pode interferir na saúde física e emocional, no âmbito social, acadêmico e profissional dos estudantes universitários. E ainda, que diante de atos violentos na parceria amorosa, as mulheres procuram apoio social e afetivo, bem como as redes de assistência, em contraposição aos homens que parecem manifestar pouco tais iniciativas.

Objetivos

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as manifestações dos comportamentos violentos nos relacionamentos amorosos em estudantes universitários. Já os objetivos específicos consistiram em verificar a ocorrência, tipos e diferenças nas manifestações da violência relacionadas a gênero; identificar os fatores desencadeadores e os impactos da violência na saúde mental dos participantes; bem como descrever os tipos de enfrentamentos na dinâmica relacional amorosa.

Método

Delineamento

Este estudo é de natureza quantitativa, de temporalidade transversal, com enfoque exploratório e descritivo. A amostra foi composta por 224 estudantes heterossexuais e homoafetivos de uma Universidade Comunitária do Sul do Brasil, sendo 178 do sexo feminino e 46 do sexo masculino, selecionados por conveniência. Os critérios de inclusão consistiram em apresentar idade mínima de 18 anos, ser estudante universitário e estar em um relacionamento amoroso por pelo menos cinco meses. Este tempo foi estabelecido, considerando que a manifestação de comportamentos mais espontâneos entre o casal ocorre após determinado período de convivência.

Instrumento

A coleta de dados foi realizada por meio do Questionário semiestruturado de Comportamentos Abusivos preenchido pelo próprio participante. O instrumento é composto por 24 itens acerca dos comportamentos abusivos conjugais, distribuídos entre questões fechadas e semiabertas, contendo espaços para complemento das respostas

. O instrumento foi elaborado por Araújo (2013), sendo adaptado de acordo com os objetivos deste estudo. Inicialmente integra questões sociodemográficas, tais como a faixa etária do respondente, escolaridade, orientação sexual, religião, tempo de relacionamento, entre outros. No segundo momento, são apresentadas 24 questões, separadas em duas colunas: na primeira, apresenta-se a consigna de responder segundo o seu próprio comportamento na relação amorosa, e na segunda coluna, contém as opções de resposta quanto às ações que o parceiro(a) realizou no relacionamento, a partir do ponto de vista do respondente. Os itens referem-se aos comportamentos abusivos, expressos por meio da violência física, psicológica ou sexual. Para criar o índice de violência, em cada questão do questionário, os dados foram ponderados em uma escala de respostas: nunca fiz (1), fiz uma vez (3) e fiz mais de uma vez (5). Somando as respostas dos participantes referentes a cada item do questionário obteve-se o resultado geral do índice de violência. Por sua vez, cada índice foi dividido pelo número total de

participantes, criando-se um índice por pessoa, o que possibilitou a comparação dos valores das duas amostras.

Análise de Dados

Os dados obtidos foram analisados através do programa estatístico SPSS – versão 23.0, utilizando-se da estatística descritiva (Sampieri et al., 2013), delineando-se a caracterização da amostra, descrição dos tipos de comportamentos abusivos e a verificação de frequência dos tipos de manifestações da violência relacionadas ao gênero. Para comparação entre grupos por sexo, quanto à prática da violência, recorreu-se ao teste-t de *student*. A distribuição dos dados foi verificada pelo teste da normalidade, por meio das dimensões da curtose, assimetria, do histograma e do teste de normalidade Kolgomorov-Smirnof.

Procedimentos Éticos e de Coleta de Dados

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, sob o Parecer Consubstanciado nº 987.154, amparando-se nos princípios da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, que dispõem sobre a realização de pesquisa com seres humanos. Posteriormente, os dados foram coletados após o consentimento da Vice-Reitoria de Graduação, do Diretor da Escola de Ciências da Saúde, bem como da autorização dos coordenadores respectivos aos cursos dos participantes, vinculados à Escola de Ciências da Saúde. A coleta de dados foi realizada nas salas de aula dos participantes; e o instrumento foi respondido individualmente, após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados

Características sociodemográficas dos participantes

A maioria dos 224 estudantes que compuseram a amostra eram do sexo feminino (79,5%). A faixa etária predominante situou-se entre os 18 e 25 anos (68,3%). Em relação à orientação sexual, 92,4% apresentaram-se como heterossexuais e no âmbito religioso, o catolicismo sobressaiu-se entre os participantes (58%). A maioria dos participantes residiam com familiares (61,2%) ou moravam com o(a) cônjuge (24,5%).

No se que se refere ao tipo de relacionamento amoroso, 79% mantinham-se no relacionamento atual há mais de um ano. O tipo de relacionamento predominante é o de namoro (65,2%), seguido de casamento ou união estável (29%). A maioria não apresentou interrupções no relacionamento vigente (72,8%) e dos 27,2% que o fizeram, apenas quatro participantes responderam que a interrupção ocorreu em decorrência da violência presente na relação amorosa. Outros motivos especificados que culminaram nas interrupções no namoro atual foram: distância física (5); brigas (4); confusão e indecisão (2); imaturidade e tempo para autoconhecimento (2) e desconfiança (1).

Características da ocorrência, tipos e manifestações da violência

Na Tabela 1, a seguir, são apresentadas as manifestações de violência, por tipo e frequência, segundo o gênero de quem a pratica. Os resultados que se destacam apontaram que dentre os tipos de comportamento violento nos relacionamentos amorosos, prevalecem respostas relacionadas à violência psicológica (70,4%), seguida de respostas relacionadas à violência física (27%) e sexual (1,4%). No âmbito da violência psicológica prevalecem a invasão de privacidade (24,1%), insulto (14,1%) e impedimento de contato (11,2%). Apesar de ocorrer com menor frequência, mas não com menos impacto, aparecem gritos (8,8%), acusação de outros relacionamentos (8,4%) e traição (3,3%), muitos destes ocorrendo concomitantemente. Evidenciou-se ainda que há uma tendência de que as agressões psicológicas ocorram mais de uma vez nos relacionamentos (60,39%) em comparação à manifestação de apenas uma vez (39,61%).

Quanto às manifestações de violência física (27%), prevaleceram as respostas agrupadas em arranhar/causar ferimentos/morder (7,5%); dar tapa, socos, pontapé (6,7%); apertar o pescoço ou corpo (5,7%) e empurrar (3,4%). E dentre estas, 54,6% das respostas foram assinaladas na opção “apenas uma vez”, contrapondo 41,7% das respostas na opção “mais de uma vez”.

No que consiste às ocorrências de violência sexual, 3,6% dos 224 participantes afirmaram ter apresentado este comportamento. Destes, três mulheres assinalaram ter cometido violência sexual uma vez e três assinalaram ter cometido mais de uma vez. Dos homens, um assinalou que assediou sua parceira(o) sexualmente uma vez; e outro assinalou que forçou ao ato sexual também uma vez.

Tabela 1

Distribuição em frequência simples e percentual das manifestações de comportamentos violentos no relacionamento amoroso atual (n=224)

	Manifestação de Violência	Particip. masculino	Particip. Feminino	Particip. masculino	Particip. feminino	Frequência absoluta	%
		Fez uma vez	Fez uma vez	Fez mais de uma vez	Fez mais de uma vez		
Violência Psicológica (n=411)	Invadir privacidade	10	1	18	91	140	24,1
	Insultar	4	2	8	38	82	14,1
	Impedir contato	5	6	6	28	65	11,2
	Gritar	3	8	7	23	51	8,8
	Acusar de outros relacionamentos	5	6	3	15	49	8,4
	Trair	3	9	3	4	19	3,3
	Perseguir	0	0	1	2	3	0,5
	Não respondeu	-	-	-	-	2	0,3
Violência física (n=163)	Apertar pescoço/corpo	7	9	3	14	33	5,7
	Dar tapa	4	15	0	6	25	4,3
	Dar empurrões	0	10	5	5	20	3,4
	Puxar cabelo	1	5	1	0	7	1,2
	Ameaçar com arma	0	1	0	0	1	0,2
	Dar socos	1	3	0	6	10	1,7
	Arranhar	0	12	2	9	23	3,9
	Atirar objetos	0	7	0	6	13	2,2
	Dar pontapés	0	1	1	2	4	0,7
	Causar ferimentos	1	4	0	2	7	1,2
	Morder	1	7	1	5	14	2,4
	Não respondeu	-	-	-	-	6	1,0
Violência Sexual (n=8)	Forçar ao ato sexual	0	2	1	0	3	0,5
	Assediar sexualmente	0	1	1	3	5	0,9
	Não respondeu	-	-	-	-	2	0,3

Fatores desencadeadores da violência conjugal

Sobre os fatores desencadeadores da manifestação de violência, 30,24% das respostas, foram associadas à defesa, 26,1% das respostas foram relacionadas à provocação do parceiro e 37,1% foram associadas a outros motivos. Dentre as respostas relacionadas a outros motivos, cita-se, de modo geral, o controle do parceiro, ciúmes, impulsividade ou insegurança. No entanto, a grande maioria não justificou suas respostas.

Quanto aos itens correspondentes à violência psicológica, a maior frequência de respostas foi associada a outros motivos (40,1%), seguida de comportamentos defensivos (30,4%) e provocações (22,9%). Daqueles que justificaram suas respostas, no que se refere à violência psicológica, a invasão de privacidade ocorreu pelos motivos de curiosidade e ciúme; o ato de impedir contato do parceiro(a) com pessoas que não aprovava foi justificado também pelo ciúme, desconfiança e por acreditar que estava fazendo bem ao cônjuge ou que os supostos amigos do parceiro(a) “não prestavam”.

Quanto aos motivos dos atos de traição, as respostas declaradas foram impulsividade e por considerarem que não era algo sério, além de desconhecerem o motivo. Os insultos, segundo os participantes, ocorreram em momentos de exaltação em discussões, a exemplo do relato: “as conversas não adiantam”; e as acusações de outros relacionamentos decorreram de “desconfiança” e “desejo de atenção”.

Nos itens referentes à violência física, os motivos relacionaram-se de forma equitativa foram: defesa (30,7%); provocações (31,3%) e outros motivos (31,3%). Os motivos elencados pelos participantes para as agressões físicas foram relacionados ao ato sexual, raiva, estar embriagado/a, ciúmes, brincadeiras, brigas, e “para que o parceiro não fosse embora”. Em relação às variáveis elencadas nos motivos assinalados pelos participantes como “outro” no respectivo tipo de violência, percebeu-se uma inclinação dos participantes a cometerem os atos por “raiva” do parceiro(a).

No que se refere às oito respostas relacionadas à violência sexual na amostra investigada (1,4%), estas foram perpetradas em sua maioria por mulheres (6), seguida pelos homens (2). Os motivos relatados foram para provocar o parceiro (7) e para se defender (1).

Tabela 2

Distribuição em frequência simples dos motivos das ocorrências de violência (n=224)

	Motivos da Violência	Participante masculino	Participante feminino	Frequência absoluta	%
Violência Psicológica (411)	Fez para se defender	27	98	125	30,4
	Fez para provocar o parceiro	12	82	94	22,9
	Outro motivo	26	139	165	40,1
	Não respondeu	10	17	27	6,6
Violência física (163)	Fez para se defender	18	32	50	30,7
	Fez para provocar o parceiro	3	48	51	31,3
	Outro motivo	1	50	51	31,3
	Não respondeu	7	4	11	6,7
Violência sexual (8)	Fez para se defender	1	0	1	12,5
	Fez para provocar o parceiro	1	6	7	87,5

Impacto dos atos violentos e estratégias de enfrentamento

Na Tabela 3, identificou-se uma disparidade nas respostas dos participantes, entre aqueles que não perceberam impacto dos atos violentos em termos biopsicossociais (41,5%), aos que não responderam a essa questão (24,6%); e, por outro lado, os que identificaram impactos à saúde mental (12,9%) e à qualidade do relacionamento interpessoal com amigos ou familiares (8,9%). Também foram citados impactos nos estudos (5,8%) e trabalho (2,7%), além da saúde física (3,6%).

Evidenciou-se que dos 224 participantes, 50,4% tomaram alguma atitude após os atos violentos, prevalecendo tentativas em conversar com o parceiro (18,3%), perdão (17%), procura de ajuda, incluindo a própria família ou a do parceiro, amigos ou psicólogo (8,9%); e apenas um participante terminou o relacionamento. Na opção Outros, dois participantes justificaram que “não houve violência” (2), apesar de anteriormente terem assinalado respostas positivas ao ato violento. Sobre a iniciativa para a tomada de tal atitude, 48,7% foi por iniciativa própria e 9,7% foi a pedido do parceiro.

Tabela 3

Distribuição em frequência simples referente aos impactos biopsicossociais da violência e estratégias de enfrentamento (n=224)

		Participante masculino	Participante feminino	Frequência absoluta	%
Impacto dos atos violentos	Saúde física	1	7	8	3,6%
	Saúde mental	6	23	29	12,9%
	Relacionamento com amigos	2	9	11	4,9%
	Relacionamento com família	2	7	9	4,0%
	Estudos	2	11	13	5,8%
	Trabalho	2	4	6	2,7%
	Nenhum	21	72	93	41,5%
	Não respondeu	9	46	55	24,6%
Enfrentamento após a violência	Procurou ajuda da família	1	5	6	2,7%
	Procurou ajuda da família do parceiro	2	1	3	1,3%
	Procurou ajuda de amigos	2	5	7	3,1%
	Procurou ajuda de psicólogo	0	4	4	1,8%
	Tentou conversar com parceiro	9	32	41	18,3%
	Terminou o relacionamento	0	1	1	0,4%
	Perdoou logo ou mais tarde	9	29	38	17,0%
	Outros	2	11	13	5,8%
	Não respondeu	23	88	111	49,6%
Motivo para o enfrentamento	Por iniciativa própria	12	43	55	48,7%
	A pedido do parceiro	3	8	11	9,7%
	Não respondeu	10	37	47	41,6%

Em relação às diferenças entre os índices de violência de participantes masculinos e femininos (Tabela 4), os quais foram analisados por meio do teste *t de student*, ressalta-se que a normalização realizada é praticamente uma média de escala, cujo valor variou entre 1 e 5, conforme a pontuação obtida. Quanto mais perto de 1, menos propenso os participantes estão de cometer o ato em questão e quanto mais próximo de 5, há maior propensão em praticar o ato. Portanto, verificou-se que a diferença de gênero não se mostrou estatisticamente significativa ($p < 0.05$) neste estudo. Logo, tanto os homens quanto as mulheres cometem violência psicológica, física e sexual contra o parceiro, de forma geral, no que se refere à frequência dos atos cometidos.

Tabela 4
Índices ponderados e normalizados por gênero

	Atos violentos	Participante masculino	Participante feminino	Participante masculino	Participante feminino
		Índice violento	Índice violento	Normalizado	Normalizado
Violência Psicológica	Insultar	86	400	1,87	2,25
	Impedir contato	80	346	1,74	1,94
	Perseguir	50	192	1,09	1,08
	Gritar	80	312	1,74	1,75
	Acusar de outros relacionamentos	68	294	1,48	1,65
	Invadir privacidade	138	593	3,00	3,33
	Trair	64	206	1,39	1,16
Violência Física	Puxar cabelo	52	188	1,13	1,06
	Dar tapa	54	236	1,17	1,33
	Ameaçar com arma	46	180	1,00	1,01
	Dar socos	48	212	1,04	1,19
	Arranhar	54	246	1,17	1,38
	Atirar objetos	46	220	1,00	1,24
	Dar pontapés	50	190	1,09	1,07
	Apertar o pescoço	52	190	1,13	1,07
	Dar empurrões	66	222	1,43	1,25
	Causar ferimentos	48	198	1,04	1,11
	Morder	52	216	1,13	1,21
	Apertar o corpo	66	244	1,43	1,37
	Violência Sexual	Forçar ao ato sexual	50	182	1,09
Assediar sexualmente		50	192	1,09	1,08

Discussão

Dentre os tipos de VPI nesta amostra de estudantes universitários, a que mais se destacou foi a violência psicológica. Esses resultados estão em consonância com o que foi encontrado por Murta, et al. (2014); Faias, Caridade e Cardoso (2016) e Costa, Costa e Nascimento (2018), cujos estudos evidenciaram o predomínio da violência psicológica ou emocional como um dos tipos de violência mais praticadas entre os jovens em relacionamentos amorosos. Em geral, verificou-se que a agressão verbal seguida da dinâmica imposta pela violência psicológica, no sentido de controle, domínio, ameaças, humilhações, entre outros, costuma-se apresentar como a porta de entrada para outros tipos de violência, como a violência física e sexual.

Por conseguinte, deve-se ficar atento aos primeiros indícios de violência psicológica, já que esta se pode constituir o ponto inicial de uma relação violenta e ser tão devastadora quanto à violência física ou sexual. As humilhações e desqualificações presentes na dinâmica conjugal podem repercutir no aniquilamento da autoestima dos membros envolvidos (Colossi & Falcke, 2013). Nesse sentido, Guimarães, Diniz e Angelim (2017) corroboram que a invisibilidade da violência emocional no namoro tem se tornado uma prática recorrente e de grande impacto na saúde mental dos jovens. Comportamentos de abuso emocional pautados na desqualificação, invasão de privacidade e ciúme excessivo, são exemplos que nem sempre se tornam percebidos como práticas violentas e fatores de risco para o bem-estar individual e relacional dos indivíduos.

Nesse estudo, os insultos foram comportamentos que também prevaleceram nos itens relacionados à violência psicológica, cujos resultados se coadunam aos achados de Watanabe (2012), por meio de um questionário semiaberto referente à violência entre parceiros amorosos. O autor identificou que a agressão verbal e a irritação conjugal foram alguns dos atos que mais emergiram em relação à violência psicológica. Para tanto, é importante compreender a dinâmica da comunicação violenta, que conforme Rosenberg (2019), é permeada por julgamentos morais, comparações e agressões verbais.

Assim, deve-se também considerar o tipo de relação violenta não-verbal, expressa de modo analógico por meio de uma linguagem corporal, muitas vezes paradoxal. Para tanto, mantém-se um padrão contraditório entre o conteúdo verbal e o comportamento

não-verbal dirigido, ocasionando conflitos que, por vezes, extrapolam o limite do respeito mútuo e desencadeiam atos violentos. Como exemplo de relacionamentos paradoxais, podem-se citar os sentimentos ambivalentes, muito presentes em relações violentas e vivenciados de modo intenso e fusionado: não saber se ama ou odeia o(a) parceiro(a), se sente afeto ou raiva, se tem compaixão ou revolta (Guimarães et al., 2017). Supõe-se que o fato de somente a metade dos participantes deste estudo buscarem ajuda após as interações violentas, denota a ambivalência dos sentimentos vivenciados em relacionamentos afetivos como esses, bem como a dificuldade de reconhecimento do comportamento violento, especialmente ao se tratar da violência psicológica.

Em relação à violência física, os dados encontrados identificaram maior predominância de atos violentos cometidos pelos homens participantes, contrapondo o maior percentual de violência psicológica praticada pelas mulheres. Dados semelhantes foram discutidos em estudos nacionais (Lindner et al., 2015; Silva, Coelho & Njaine, 2014) e internacionais (Martínez & Marín, 2009; Williams, Ghandour & Kub, 2008), acerca da relação entre os tipos de violência conjugal praticada pela classe de gênero. Dentre os comportamentos relacionados à violência física desta pesquisa, prevaleceram apertar o corpo ou o pescoço do(a) parceiro(a). Antunes e Machado (2012) ao investigarem as repercussões da violência entre parceiros íntimos em uma amostra de 600 alunos do ensino médio e superior, também evidenciaram que o ato de apertar o pescoço foi um dos comportamentos com maior percentual encontrados.

Já a violência sexual apresentou baixo percentual na pesquisa, sendo relatada por seis participantes mulheres e dois participantes homens. Contudo, é válido ressaltar a noção da bidirecionalidade dos atos violentos entre casais, especialmente na coerção sexual, de modo que tanto homens quanto mulheres se tornam coautores da violência exercida, questionando um posicionamento determinista de que somente o homem é visto numa posição dominante de agressor e a mulher, de vítima. A descontinuidade de paradigmas tradicionais como esses tornam-se centrais em estudos contemporâneos que vislumbram a violência conjugal, de modo interacional e não exclusivamente do indivíduo que sofre a agressão, mas do “casal violento”, como um todo, que pratica a violência num processo mútuo e destrutivo (Adames, Bonfíglio & Becker, 2018; Razera & Falcke, 2017).

Dentre os fatores desencadeadores dos atos violentos, o comportamento de controlar o cônjuge sobressaiu-se entre os demais, principalmente em relação à invasão de privacidade, tendo como principais motivos para o ato, a curiosidade e o ciúme. Tais resultados corroboram com a pesquisa de Nascimento e Cordeiro (2011), que a partir de um estudo qualitativo com vinte e dois jovens de camadas populares e camadas médias da cidade de Recife, discutiram que o comportamento controlador se apresenta como um dos motivos de conflitos conjugais. Os jovens descreveram este comportamento como impedir o contato do(a) parceiro(a) com outras pessoas, checar o seu celular e verificar suas redes sociais. Todavia, muitos participantes não reconheceram este ato de dominação como violência, já que o percebiam como zelo e cuidado, vinculando-o ao amor romântico.

Alusões como essas, permitem refletir novamente sobre o paradoxo da violência conjugal e do amor romantizado. Isto, porque ao conceber o ciúme excessivo como uma expressão legítima de afeto, assume-se a posição subalterna de permissividade, cujos relacionamentos passam a se tornar relações objetais, em que um membro do casal se torna objeto daquele que o detém como posse. A insegurança da perda, abandono ou rejeição pode incitar o ciúme, que por sua vez, torna-se um ato violador da autonomia, espontaneidade e um fator de risco para o desenvolvimento salutar da identidade do indivíduo e do relacionamento conjugal (Guimarães et al., 2017). Oportuniza-se, ainda destacar que, o ciúme é concebido como uma variável psicológica precursora de diversos casos de homicídios conjugais, tanto no panorama nacional quanto internacional (Martins-Borges et. al, 2016).

Dentre os impactos psicossociais que os participantes perceberam acerca da violência conjugal, prevalece o abalo à saúde mental, seguido da interferência nos estudos e relacionamentos interpessoais entre amigos e familiares. Conforme Ramos et al. (2014), o efeito da violência em relacionamentos amorosos pode provocar o estresse pós-traumático, abuso de álcool, depressão e ainda, constituir-se um fator de risco iminente para o suicídio. Outras repercussões negativas e difundidas na literatura concernente a esta temática, refere-se à transmissão intergeracional da violência no contexto familiar (Razera & Faccke, 2017). Com base nos modelos intrafamiliares violentos e de apego

inseguro, as crianças tendem a reproduzir esses padrões relacionais abusivos em relacionamentos interpessoais futuros (Becker & Crepaldi, 2019).

Em vista deste cenário, investigaram-se as estratégias de enfrentamento adotadas pelos participantes, após a violência. Todavia, chama a atenção que a maioria dos estudantes que mencionaram vivenciar algum tipo de ato violento na relação amorosa, não responderam a esta questão. E dentre as respostas assinaladas, prevaleceu a tentativa de conversar com o(a) parceiro(a). Tais resultados parecem demonstrar a naturalização e minimização da violência (Razera et al., 2018), como eventos que fazem parte da conjugalidade e, que não demandam intervenções maiores, sem o devido cuidado responsivo e cabível aos membros envolvidos. Além disso, nenhum dos participantes mencionou recorrer às redes de apoio social significativas, que segundo Moré e Crepaldi (2012), podem ser consideradas um dos principais recursos de que um indivíduo dispõe, especialmente no que se refere ao apoio recebido e percebido, dos contatos com os quais interage.

Considerações finais

A violência, enquanto um dos principais problemas de saúde pública e violação dos direitos humanos, pode ser vista no âmbito psicológico, como um fenômeno complexo e multivariado ao considerar suas peculiaridades relacionais, afetivas, desenvolvimentais e socioculturais. Mais precisamente, quando se trata de atos violentos entre parceiros íntimos, torna-se alarmante suas diferentes manifestações e impactos sobre a saúde mental dos membros envolvidos. Assim, este estudo teve como objetivo geral analisar as manifestações dos comportamentos violentos nos relacionamentos amorosos em estudantes universitários.

Dentre os tipos de violência perpetrados pelos estudantes em suas relações amorosas, evidenciou-se a frequência da violência psicológica, com destaque aos comportamentos controladores, tais como a invasão de privacidade, insultos e impedimento de contato do parceiro com outras pessoas, motivados pelo ciúme. Em relação às justificativas perante os atos violentos, predominaram respostas relacionadas a

comportamentos defensivos, o que implica na manifestação de outro comportamento violento anterior a este.

Deste modo, é possível ressaltar a discussão apresentada de que a violência conjugal, deve ser compreendida de modo bidirecional, enquanto uma construção relacional e destrutiva da díade amorosa. Logo, cada membro do casal é coautor da violência, desfocando a dimensão linear e tradicional, de “vítima x agressor”. Não obstante, oportuniza-se considerar o aspecto transgeracional da violência entre parceiros íntimos, uma vez que a experiência infanto-juvenil de presenciar a violência conjugal dos pais ou de outros membros familiares, pode levar a naturalização do ato violento e a repetição da prática em relacionamentos futuros. Contudo, este aspecto, em específico, não foi investigado nesse estudo, de modo que se constitui como uma temática relevante em pesquisas futuras.

De posse de tais colocações, cabe apontar as limitações encontradas nesse estudo, as quais podem ser avaliadas e readequadas para investigações posteriores. Como exemplo, pode-se destacar a caracterização da amostra, ampliando-se os critérios de participação, de modo a incluir indivíduos em outras faixas etárias e camadas populares, além de contextos aleatórios profissionais. Outro entrave a ser mencionado, refere-se à não validação do instrumento de pesquisa adotado. Embora as autoras tenham optado por sua utilização com a finalidade de explorar o fenômeno considerando as expressões de violência, torna-se relevante interpretar os dados com ressalvas. Sugere-se, ainda, para estudos futuros, o delineamento do método qualitativo ou método misto, a fim de contemplar os significados atribuídos à violência conjugal e suas repercussões; e, ainda, o aprofundamento de outras variáveis importantes para a maior compreensão da temática: padrões transgeracionais da violência, relações de apego e violência conjugal, variáveis precursoras, situacionais, psicológicas e culturais relacionadas ao ato violento entre parceiros íntimos.

Por fim, sustenta-se o pressuposto teórico delimitado neste estudo de que a violência nos relacionamentos amorosos interfere na saúde física e emocional, no âmbito social, acadêmico e profissional dos estudantes universitários. Contudo, em relação à proposição de que as mulheres procuram apoio social e afetivo, bem como as redes de assistência, em contraposição aos homens que não apresentam tais iniciativas, isso não

foi verificado neste estudo. O que se discutiu e se percebeu na amostra investigada foi a escassa procura por auxílio da rede social significativa dos indivíduos envolvidos, para ambos os sexos.

Por conseguinte, como as expressões de violência psicológica e física podem estar associadas, faz-se necessária a reflexão acerca das políticas públicas vigentes. Tais políticas priorizam as agressões físicas por serem facilmente comprovadas e pouco reconhecem o impacto negativo da violência psicológica para a saúde biopsicossocial das pessoas envolvidas, além dos estudos que apontam a violência psicológica como um preditor da violência física nas relações violentas. Desta forma, torna-se premente a criação de políticas públicas que viabilizem estratégias para que os parceiros identifiquem a violência psicológica, resultando na prevenção do ato violento em todas as suas esferas: física, emocional e sexual.

Referências

- Acosta, D. F. et. al. (2015). Violência contra a mulher por parceiro íntimo: (IN) visibilidade do problema. *Texto, Contexto, Enfermagem*, 24(1), 121-127.
- Adames, B., Bonfíglio, S. U., & Becker, A. P. S. (2018). Acolhimento psicológico para mulheres vítimas de violência conjugal. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(2), 1-12.
- Antunes, J. & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudiantil. *Aná. Psicológica [online]*, (30), 1-2, 93-107. doi: <https://doi.org/10.14417/ap.535>
- Araujo, H. I. D. da S. (2013). Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo. 2013. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Becker, A. P. S., & Crepaldi, M. A. (2019). O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 238-260. doi: 10.12957/epp.2019.43016.
- Bourget, D., & Gagné, P. (2012). Women who kill their mates. *Behavioral Sciences & The Law*, 30(5), 598-614. doi:10.1002/bsl.2033.

- Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: A violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310-318. Doi inexistente.
- Colossi, P.M., Razera, J., Haack, K.R., & Falcke, D. (2015). Violência conjugal: prevalência e fatores associados. *Contextos Clínicos*, 8(1):55-66. doi.org/10.4013/ctc.2015.81.06
- Coll, C., Ewerling, F., García-Moreno, C., Hellwig, F., & Barros, A. J. D. (2020). Intimate partner violence in 46 low income and middle-income countries: an appraisal of the most vulnerable groups of women using national health surveys. *BMJ Global Health*, 5(1), 1-10. doi:10.1136/bmjgh-2019-002208.
- Costa, A. M., Costa, M. C. O., & Nascimento, O. C. (2018). Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. *Revista Saúde Coletiva*, 8, 39-45. doi: 10.13102/rscdauefs.v8.2973.
- Faias J, Caridade S, Cardoso J. (2017). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação? *Psychologica*, 7-23. doi: 10.14195/1647-8606_59-1_1.
- Falcke, D., Oliveira, D. Z., Rosa, L. W., & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: Um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2), 81-90. doi:10.4013/ctc.2009.22.02.
- Guimarães, F. L., Diniz, G. R. S., & Angelim, F. (2017). "Mas Ele Diz que me Ama...": Duplo-Vínculo e Nomeação da Violência Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-10. doi:10.1590/0102.3772e3346.
- Hirigoyen, M. F. (2006). *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física* (M. H. Kühner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand.
- Lindner, S. R., Coelho, E. B. S., Bolsoni, C. C., Rojas, P. F., & Boing, A. F. (2015). Prevalência de violência física por parceiro íntimo em homens e mulheres de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: estudo de base populacional. *Caderno de Saúde Pública*, 31(4), 815-826. doi: 10.1590/0102-311X00159913

- Lourenço, L. M., & Costa, D. P. (2020). Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1-18. doi: [10.36298](https://doi.org/10.36298).
- Martínez, V.T.P., & Marín, Y.H. (2009). La violencia psicológica de género, una forma encubierta de agresión. *Revista Cubana de Medicina General Integral*, 25(2):1-7.
- Martins-Borges, L., Lodetti, B. M., Tridapalli, A. L., & Machado, G. S. (2016). Homicídio conjugal na Grande São Paulo e na Grande Florianópolis: notícias publicadas em jornais. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9, 227-240.
- Moré, C. L. O. O., & Crepaldi, M. A. (2012). O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 43, 84-98.
- Murta, S. G., Ramos, C. E. P. L., Cangussú, E. D. A., Tavares, T. N. G., & Costa, M. S. F. (2014). Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. *Contextos clínicos*, 7(2), 118-132. doi: [10.4013/ctc.2014.72.01](https://doi.org/10.4013/ctc.2014.72.01).
- Nascimento, F. S. & Cordeiro, R. de L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia e Sociedade*, 23(3), 516-525. doi: [10.1590/S0102-71822011000300009](https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009).
- Narvaz, M.G., Koller, S.H. (2006). Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18, 49-55. doi: [10.1590/S0102-71822006000100007](https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007).
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2002). Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO. Recuperado em 01 de setembro de 2020, em https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/FullWRVH.pdf.
- Razera, J., & Falcke, D. (2017). Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. *Psicologia Clínica*, 29(3), 543-562.

- Razera, J., Gaspodini, I. B., Oliveira, E. L., Neis, L. F., & Falcke, D. (2018). Terapia de casal em contextos de violência conjugal: revisão integrativa da literatura. *Contextos Clínicos*, 11(2), 197-205. doi:10.4013/ctc.2018.112.05
- Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência. (2014). Recuperado em 01 de setembro de 2020, em <https://nev.prp.usp.br/publicacao/relatorio-mundial-sobre-a-prevencao-da-violencia-2014/>.
- Rosenberg, M. (2019). *Vivendo a comunicação não-violenta*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Silva, A. C. L. G., Coelho, E. B. S., & Njaine, K. (2014). Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1255-1262. doi: 10.1590/1413-81232014194.01202013.
- Watanabe, K. N. (2012). Violência psicológica entre parceiros íntimos: um estudo com jovens universitários. 2012. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- Williams, J.R., Ghandour, R.M., & Kub, J.E. (2008). Female perpetration of violence in heterosexual intimate relationships. *Trauma, Violence & Abuse*, 9(4):227-249. doi: 10.1177/1524838008324418.